

MEMÓRIAS

manuel
antônio
de almeida

de um SAR

GENTO

de MILLÍ

CIAS

textos informativos:
fátima mesquita



© Panda Books

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico, diagramação e capa <i>Casa Rex</i>
Diretora comercial <i>Patty Pachas</i>	Colaboração <i>Denise Dambros</i> <i>Leonardo Lanna</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Preparação <i>Ab Aeterno</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	Revisão <i>Tatiana Malheiro</i> <i>Luciana Moreira</i>
Assistentes editoriais <i>Juliana Silva</i> <i>Mayara dos Santos Freitas</i>	Imagens <i>iStockphoto</i> <i>MAClarke21/ CC BY 2.0 (p. 37)</i>
Assistentes de arte <i>Carolina Ferreira</i> <i>Mario Kanegae</i>	Impressão <i>Cromosete</i>

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Almeida, Manuel Antônio de, 1830-1861
Memórias de um sargento de Milícias/ Manuel Antônio de Almeida.
São Paulo: Panda Books, 2015. 264 pp.: il.

ISBN 978-85-7888-217-4

1. Romance brasileiro. I.Título.

12-1146

CDD: 910
CDU: 913

2015

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

E O TALENTO FOI POR ÁGUA ABAIXO

Manuel Antônio de Almeida nasceu numa família pobre, no Rio de Janeiro, em novembro de 1830. Era filho do tenente Antônio de Almeida com a dona de casa Josefina Maria de Almeida e ficou órfão de pai muito cedo, por volta dos 11 anos. Mesmo assim, ele conseguiu estudar medicina, enquanto pagava as contas trabalhando como jornalista, cronista, crítico literário e escritor.

Também foi funcionário público, administrando a Tipografia Nacional e trabalhando na Secretaria da Fazenda, até que cis-

mou de virar candidato ao que hoje seria um deputado estadual. Só que deu tudo muito errado: ao preparar-se para as eleições, o escritor embarcou numa viagem no navio a vapor *Hermes*, do Rio para a cidade de Campos. No dia 28 de novembro de 1861, com apenas 31 anos, Manuel morreu vítima de um naufrágio que aconteceu na altura de Macaé.

FOLHETIM E FAMA

Por ter morrido tão novo, a obra dele não é muito extensa. Fora este livro aqui, ele escreveu uma peça de teatro, um libreto de ópera, a tese de doutoramento em medicina e uns poemas aqui e ali. Estas *Memórias* que você está prestes a curtir saíram primeiro como folhetim – uma espécie de novela, que era impressa em capítulos nos jornais, e que o povo seguia tão apaixonadamente como hoje em dia a gente acompanha novela e seriado na TV. Os capítulos foram publicados durante um ano, de junho de 1852 a julho do ano seguinte, e sem assinatura. Só em 1854 é que saiu a primeira metade da coleção completa dos capítulos, seguida, em 1855, pela metade final, e ainda assim sem o nome do autor. A primeira vez que o livro foi publicado com o nome de Manuel foi em 1863, mas, infelizmente, ele já estava morto.

Mas por que este livro é considerado um clássico? Primeiro, porque ele é bem escrito. A narrativa dele é envolvente. Se você não ficar com preconceitos e passear na boa por um português que não é igualzinho ao que a gente fala hoje, vai ver que o enredo é legal, cheio de viradas, confusões e muito humor.

Além disso, na época, este livro foi uma grande inovação porque, naquela altura, os escritores estavam numa onda de escrever coisas que pintavam um mundo ideal, que não tinham nada a ver com a realidade, ou seja, eles estavam deitando e rolando num estilo literário que ficou conhecido como Romantismo. Mas nas *Memórias*, Manuel passa longe disso. O cara saiu retratando a vida do Rio de um modo realista, bem do jeito como ela era no comecinho do século XIX, quando a corte portuguesa estava arranchada cá no Brasil. E fez isso usando uma linguagem bem coloquial, num tom direto, bem-humorado, sem se preocupar em seguir a moral e fazendo, assim, um livro bem popular na época.

O PICARETA E O PICARESCO

O mais legal, aliás, é isso mesmo: é ver como o autor meio que tira uma fotografia do modo como o povão vivia naquele tempo. E isso era uma perspectiva bem diferente, já que antes os autores andavam escrevendo sempre do ponto de vista da nata, dos ricos de então. E aí, pra culminar, Manuel também vem com um personagem principal que é um anti-herói – isso mesmo: o tal do Leonardo é o maior folgado, querendo sempre se dar bem sem fazer esforço algum.

Na verdade, por conta dessa coisa malandra, os especialistas dizem que este livro tem a ver com o que é chamado de romance picaresco, que teve sua origem na Espanha e nos remete à palavra “pícaro”, usada para referir-se àqueles que vivem de pequenos golpes, de trapaças, de malandragem pura. E vem daí a palavra “picareta”, no sentido de ser uma pessoa sacana, em quem a gente não pode confiar. O pícaro ou picareta apronta essas coisas pra garantir seu sustento, sua sobrevivência, e é exatamente isso o que o Leonardo faz, dando sempre um jeitinho de se sair bem.

Se você não cismar de sofrer com a língua que é, claro, diferente do português que a gente usa hoje em dia, você vai dar boas risadas com a malandragem que corre solta nas páginas deste livro, que tem capítulos curtos, muito fáceis de devorar aos pouquinhos, sem sofrer. E pra te dar uma mãozinha extra, a gente ainda lotou o texto de **explicações e links** bem espertos pra sua leitura ficar ainda mais suave e tranquila. Você vai ver que esta história, escrita há mais de 160 anos, tem tudo a ver com a nossa vida hoje. Então, deixa o bode de lado, desamarra essa tromba de quem está sendo obrigado a ler um livro e tente curtir, na boa, o que tem de engraçado e interessante nesta trama.

Vale a pena tentar!

Fátima Mesquita

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e bem-humorados.

 Dicas de vídeos para assistir online.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

I	Origem, nascimento e batismo	8
II	Primeiros infortúnios	14
III	Despedidas às travessuras	21
IV	Fortuna	26
V	O Vidigal	30
VI	Primeira noite fora de casa	35
VII	A comadre	40
VIII	O Pátio dos Bichos	44
IX	O – arranjei-me – do compadre	48
X	Explicações	54
XI	Progresso e atraso	61
XII	Entrada para a escola	65
XIII	Mudança de vida	70
XIV	Nova vingança e seu resultado	75
XV	Estralada	82
XVI	Sucesso do plano	88
XVII	D. Maria	92
XVIII	Amores	99
XIX	Domingo do Espírito Santo	104
XX	O fogo no Campo	108
XXI	Contrariedades	113
XXII	Aliança	118
XXIII	Declaração	122
XXIV	A comadre em exercício	127
XXV	Trama	133

XXVI	Derrota	138
XXVII	O mestre de reza	144
XXVIII	Transtorno	149
XXIX	Pior transtorno	155
XXX	Remédio aos males	161
XXXI	Novos amores	167
XXXII	José Manuel triunfa	172
XXXIII	O agregado	179
XXXIV	Malsinação	185
XXXV	Triunfo completo de José Manuel	190
XXXVI	Escapula	194
XXXVII	O Vidigal desapontado	200
XXXVIII	Caldo entornado	204
XXXIX	Ciúmes	208
XL	Fogo de palha	213
XLI	Represálias	216
XLII	O granadeiro	222
XLIII	Novas diabruras	228
XLIV	Descoberta	236
XLV	Empenhos	240
XLVI	As três em comissão	245
XLVII	A morte é juiz	251
XLVIII	Conclusão feliz	257

I

ORIGEM, NASCIMENTO E BATISMO

Era no tempo do **rei**.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — *O canto dos meirinhos* —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Com a invasão de Portugal pelo Exército Francês de Napoleão, d. João VI e sua turma — que somava nada menos que umas 15 mil pessoas — se meteram no mar a bordo de 35 navios, desembarcando no Rio de Janeiro em março de 1808. Portanto, a história aqui contada se passa no século XIX.